



PESCADORAS ARTESANAIS DE CAMARÃO EM ÁGUAS INTERIORES NA REGIÃO AMAZÔNICA: SIMILARIDADES E DIFERENÇAS.

Christiane Rodrigues

christianerodrigues82@hotmail.com

Universidade Federal do Amazonas

Brasil

Elenise Scherer

elenisefaria@gmail.com

Universidade Federal do Amazonas

Brasil

Antônia Diógenes

antoniapaposo@gmail.com

Universidade Federal do Amazonas

Brasil

RESUMEN

De acordo com o Registro Geral da Atividade Pesqueira (RGP), do Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA), estima-se que existem, hoje, no Brasil, quase um milhão de pescadores artesanais. Sendo assim, uma das atividades de maior impacto social e econômico no Brasil, que usufrui tanto da grande extensão litorânea como das águas interiores, que apresentam uma biodiversidade pesqueira imensa, divididas em doze grandes bacias hidrográficas. Essa estatística torna invisível a participação das mulheres nesse universo pesqueiro, uma vez que não divulgam os trabalhos que realizam na pesca. A categoria dos pescadores e pescadoras apresenta baixa escolaridade, enfrenta condições precárias de trabalho e conta com pouca ou nenhuma infraestrutura para beneficiamento e venda do pescado. Esse estudo configura-se em torno da pesca artesanal do camarão *Macrobrachium amazonicum*, realizada por mulheres, em duas

idades, do Baixo Amazonas, região Norte do Brasil, em Parintins no estado do Amazonas e Alenquer no estado do Pará. Cotidianamente, as mulheres pescadoras de camarão vivenciam situações envolvendo as relações e aos papéis de gênero. A pesca do camarão é pertinentemente percebida como um trabalho de mulher, os homens não quase não pescam camarão, pois, consideram um trabalho leve, próprio para as mulheres. O trabalho das mulheres pescadoras de camarão faz parte do universo pesqueiro, que apresenta-se hierárquico, onde não reconhece a importância da mulher enquanto força produtiva. As pescadoras de camarão, introjetaram a ideia que lhes foi repassada, de que a pesca do camarão é um trabalho fácil, próprio para as mulheres, o que traz como consequência, a legitimação do processo de invisibilização o qual são sujeitadas. Muito ainda precisa ser feito, principalmente quanto ao reconhecimento do trabalho da mulher pescadora de camarão nas políticas públicas, pois essas políticas entendem que as mulheres não desempenham um papel relevante no processo produtivo de pesca, como mostra o decreto de Lei nº 8.524/2015. A busca por igualdade de gênero e melhorias nas condições de vida parece estar muito distante do modo de vida das pescadoras de camarão. O estudo sobre o trabalho com a pesca do camarão, realizado em três comunidades, duas em Parintins-AM e uma em Alenquer-PA, apresenta semelhanças e diferenças, o que contribui para o debate sobre o trabalho da mulher no universo pesqueiro amazônico. A pesquisa representa a juntada de dois estudos, um já concluído, realizado em Parintins-AM, nas comunidades de Brasília e Catispera; o outro estudo está em andamento, sendo realizado na cidade de Alenquer-PA, na comunidade da Salvação, e faz parte do Projeto *Vozes Ocultas e Vozes Insurgentes: as mulheres pescadoras na Amazônia*, coordenado pela professora Dra. Elenise Scherer, com apoio do CNPq-Edital Ciências Humanas, FAPEAM, 2015-2018. Ambas pesquisas são qualitativas, onde foram realizados estudos bibliográficos com pesquisa de campo. Realizamos a coleta de dados, principalmente por meio da observação direta e entrevistas com as pescadoras de camarão.

Palabras clave

(Mulheres, pescadoras, gênero.)



ABSTRACT

According to the General Register of the Fishing Activity (RGP) of the Ministry of Fisheries and Aquaculture (MPA), it is estimated that there are now almost one million artisanal fishermen in Brazil. Thus, it is one of the activities with the greatest social and economic impact in Brazil, which enjoys both the great coastal and inland waters, which have an immense fish biodiversity, divided into twelve large hydrographic basins. This statistic makes invisible the participation of women in this fishing universe, since they do not divulge the work they do in fishing. The category of fishermen is poorly educated, faces precarious working conditions and has little or no infrastructure for fish processing and sales. This study is based on the artisanal fishing of shrimp *Macrobrachium amazonicum*, carried out by women, in two cities, in the Lower Amazon region, in the northern region of Brazil, in Parintins in the state of Amazonas and Alenquer in the state of Pará. of shrimp experience situations involving relationships and gender roles. Shrimp fishing is pertinently perceived as a woman's job, men do not almost always fish for shrimp because they consider it a light job, appropriate for women. The work of women shrimp fishers is part of the fishing industry, which is hierarchical, where it does not recognize the importance of women as a productive force. The shrimp fishermen introduced the idea that shrimp fishing is an easy job, suitable for women, which results in the legitimacy of the process of invisibilization that they are subjected to. Much still needs to be done, especially regarding the recognition of shrimp fisher women's work in public policies, since these policies do not imply that women play an important role in the productive process of fishing, as shown in Law Decree 8.524 / 2015. The quest for gender equality and improvements in living conditions seems to be a far cry from the way of life of shrimp fishermen. The study on shrimp fishing in three communities, two in Parintins-AM and one in Alenquer-PA, presents similarities and differences, which contributes to the debate on the work of women in the Amazonian fishing world. The research represents the combination of two studies, one already completed, carried out in Parintins-AM, in the communities of Brasília and Catispera; the other study is under way, being carried out in the city of Alenquer-PA, in the community of Salvation, and is part of the Project Vozes Hidden and Voices Insurgents: women fishers in the Amazon, coordinated by the teacher Dr.

Elenise Scherer, with the support of CNPq -Edital Human Sciences, FAPEAM, 2015-2018. Both studies are qualitative, where bibliographical studies with field research were carried out. We performed the data collection, mainly through direct observation and interviews with the shrimp fishermen.

Keywords

(Women, fishermen, gender)

I. Introducción

A pesca de camarão nas águas interiores está concentrada nas paisagens aquáticas do Rio Amazonas, sendo focada em duas espécies do gênero *Macrobrachium*. A pesca do camarão ganhou grande impulso na região norte do Brasil, especificamente no baixo Amazonas, logo depois que a produção da Juta caiu em declínio.

A produção da fibra de juta no Brasil teve sua origem na Amazônia Ocidental, como alternativa econômica e valorização do capital, diante da decadência do ciclo da borracha, no final do século XIX. A partir do município de Parintins, o plantio da juta vai se expandir por toda a região do baixo Amazonas paraense, como aponta dos estudos de Pinto (2010). Desta forma, o cultivo da juta passou a ser um saber familiar, onde as plantações se davam nas terras dos pequenos e médios agricultores, inicialmente japoneses e depois pelos agricultores familiares ribeirinhos da Amazônia (HOMMA, 2010).

De acordo com Homma (2010), famílias japonesas deslocaram-se para Breves-PA, para tentar o cultivo da juta, porém, o solo não se mostrava propício o cultivo desse tipo de cultura. Dessa forma, as famílias japonesas, encaminharam-se para Santarém, onde encontraram o solo ideal para o cultivo da juta. Nesse sentido, Santarém passou a ser, juntamente com os municípios vizinhos, Alenquer, Óbidos e Monte Alegre, o principal centro produtor de juta do Pará.

As localidades pesquisadas, estavam inseridas nesse panorama econômico da produção da juta o que definiu o trabalho e a vida das populações locais a época. Com a queda na produção da juta, na segunda década do século XX, a pesca do camarão foi uma alternativa, encontrada pelas mulheres, para o sustento e manutenção de seu grupo familiar.



Enquanto estratégia econômica, as mulheres tomaram a frente de trabalho da pesca do camarão, porém, como a maioria já estava associada ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais, atrelado ao medo de perder direitos previdenciários, desenvolveram a pesca de maneira informal.

A pesca artesanal do camarão é um trabalho no qual não existe iniciativas políticas, sociais, ambientais, quanto a conservação, defeso da espécie nem proteção social das pescadoras. A pesca do camarão está acontecendo, porém não está sendo contabilizada como frente de trabalho de grande importância para a manutenção familiar de várias famílias ribeirinhas. Existe uma emergência de estudos para identificarem os impactos quanto a utilização dos diversos tipos de apetrechos utilizados na pesca do camarão no Baixo Amazonas, bem como é importante conhecermos mais sobre as formas como vem acontecendo para então termos subsídios para uma análise adequada sobre essa forma de trabalho na Amazônia.

Cabe destacar, que pensar na permanência da pesca do camarão (*Macrobrachium amazonicum*) na Amazônia, é pensar caminhos para a sustentabilidade dessa pesca. Porém, sustentabilidade, não estar somente associada às esferas sociais e econômicas (SACHS,1993), mas está também associada a esfera ecológica, a qual não deve ser ignorada em hipótese alguma, pois isso equivale a ignorar as limitações naturais da produção biológica (CASTELLO, 2007).

A pesquisa realizada em Parintins-AM(VER FIGURA 1) e a pesquisa em andamento em Alenquer-PA(VER FIGURA 1) são do tipo qualitativa, fazendo uso da etnografia como forma de abordagem. Ambas se valem de estudos bibliográficos e de pesquisa de campo, onde utilizamos a observação direta e a entrevista não-estruturada como os principais instrumentos de coleta de dados. Essas pesquisas fazem parte de um corpo maior de estudos, orientado pela professora Dra. Elenise Scherer.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

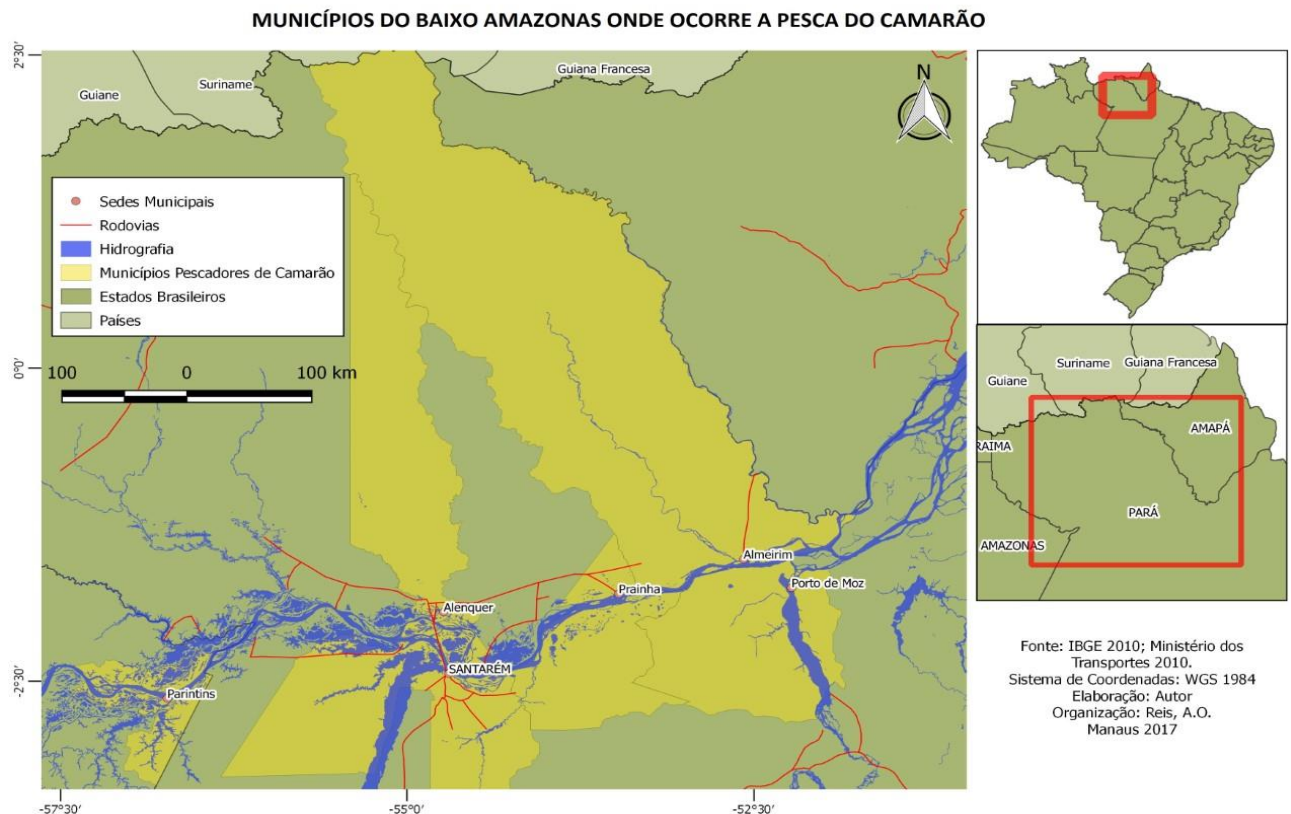


FIGURA 1: MUNICÍPIOS DO BAIXO AMAZONAS ONDE OCORRE A PESCA DO CAMARÃO

II. Marco teórico/marco conceptual

O trabalho reprodutivo é percebido na visão marxista clássica como improdutivo e, assim, ligado aos serviços, à reprodução da força de trabalho. Para tanto, consagrou-se na literatura marxista a visão de que o trabalho reprodutivo era aquele que não gerava “valor”, trazendo desigualdades, precariedade e dupla jornada de atividades exercidas pelas mulheres na sociedade.

As relações de gênero¹ contidas na produção pesqueira do camarão não são flexíveis para as mulheres, elas têm papéis permanentes no cotidiano de pesca, além de todas as obrigações domésticas realizadas, possuem tarefas que fazem parte do trabalho de pesca do cama-

¹ Gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e como uma forma primeira de significar as relações de poder. Na concepção histórica da historiadora Joan Scott (1988), gênero tornou-se o maior dos estudos feministas (SARDENBERG, 2015, p. 70).

rão, realizado somente por elas. Existem diferenças e semelhanças nas relações do trabalho, como mostra Saffioti (1992), no trecho abaixo:

[...] as relações de classe estão presentes na reprodução, assim como as relações de gênero penetram na produção”. Cabe, pois, procurarmos “[...] detectar a presença das diferenças-semelhanças de gênero nas relações de produção, assim como as diferenças semelhanças de classe nas relações de gênero”, já que “estes dois tipos de relações são absolutamente recorrentes, impregnando todo o tecido social (SAFFIOTI, 1992, p. 18-19).

Consideramos que os homens que atuam na pesca do camarão, tanto nas comunidades de Brasília e Catispera-PIN/AM, quanto na comunidade de Salvação-AL/PA, desenvolvem o papel de ajudante, quando eventualmente, acompanham a pesca das mulheres porque geralmente são elas que realizam todas as atividades, desde a condução da embarcação, passando pela captura, cozimento, salga e comercialização das espécies.

Quando os homens participam, eles guiam a embarcação, ajudam na seleção das espécies para comercialização e fazem a coleta de madeira para o cozimento e salga dos crustáceos. Ressaltamos, que como descrito anteriormente, essas atividades, que eles desenvolvem, ocorrem esporadicamente, sendo também as vezes, realizadas pelos próprios filhos. As mulheres possuem uma sobrecarga de trabalho, pois, além de realizarem todo o processo da pesca do camarão, da captura a comercialização, são elas que tomam conta dos cuidados com a casa e com os filhos, filhas e maridos.

As pescadoras desenvolvem um papel fundamental na manutenção da casa e no modo de vida de seu grupo familiar, porém não são reconhecidas pelo trabalho que realizam na pesca. As mulheres estão inseridas em diversos espaços sociais com o desenvolvimento de várias atividades simultaneamente, são pluriativas, diferente dos seus maridos e filhos.

O modo de produção do sistema capitalista, produz uma divisão de trabalho e de formação de antagonismos de classe que se refletem diretamente no contexto das famílias das pescadoras, reproduzindo historicamente desigualdades na relação entre os gêneros e na divisão trabalho, diferenciando o que é trabalho de mulher e até onde podem chegar (SILVA; ROCHA, 2010).



As dimensões simbólicas existentes no processo de trabalho são responsáveis em criar espaços de conflitos sociais de gênero (WOORTMANN, 1997). O ser humano se constitui por meio do trabalho, modificando seu espaço e a si mesmo, criando novas formas para sobrevivência. No trabalho o ser humano reproduz suas formas de sociabilidade incorporando valores e hierarquias. Compreender a centralidade na análise das relações de trabalho torna-se essencial para percebermos as desigualdades de gênero, os conflitos e as invisibilidades existentes, mas serve sobretudo para vislumbrarmos o processo de desconstruções dessas desigualdades.

No desenvolvimento da pluriatividade, as pescadoras realizam trabalhos diversos tanto na água como na terra, essa é uma estratégia presente na agricultura familiar para a manutenção e reprodução do modo de vida das populações ribeirinhas da Amazônica. O universo da pesca era considerado tipicamente masculino, a mulher não era vista como parte desse universo, o que começa a aparecer a partir de estudos que trazem à tona essa realidade existente, mas que estava invisibilizada.

III. Metodología

A pesquisas são do tipo qualitativa, com abordagem etnográfica. Os Instrumentos utilizados para produção de dados consistiram na observação direta e na entrevista semiestruturada. Utilizamos o diário de campo para o registro das observações. O estudo contou com a participação de trinta (30) mulheres, pescadoras de camarão, com faixa etária de 25 a 70 anos, moradoras no município de Alenquer/PA, baixo Amazonas e com (25) mulheres do município de Parintins/AM, baixo Amazonas, com faixa etária de 20 a 65 anos. Todas as pescadoras entrevistadas realizam o trabalho da pesca e comercialização direta do camarão. O critério de escolha das pescadoras foi a disponibilidade para participar da pesquisa. A investigação foi realizada em Parintins-AM, no ano de 2013 e, em Alenquer-PA no ano de 2016.

IV. Análisis y discusión de datos

No cotidiano das mulheres pescadoras de camarão os homens dentro e fora da casa têm poucas atividades. Todo trabalho produtivo dos homens tem participação das mulheres

em algum momento. Na pesca, por exemplo, o homem faz a pesca, mas, quando chega com o peixe em casa, é a mulher que vai fazer a limpeza do pescado, seja para venda ou para o próprio consumo. Quando ocorre o plantio de alguma espécie, no caso do milho ou feijão, macaxeira, a mulher tem como obrigação ajudar na colheita ou em outras etapas da produção. As mulheres que não ajudam seus maridos nessas ocasiões são consideradas preguiçosas.

As mulheres na Amazônia sempre foram direcionadas para trabalhos cotidianos tipicamente femininos, trabalhos considerados fáceis e repetitivos, os quais dificilmente realizados pelos homens. No auge da produção da borracha na Amazônia, as poucas mulheres que aqui estiveram participavam do beneficiamento do látex, apesar das outras atividades que já eram responsabilizadas a elas. Na obra *Mulheres da floresta*, Cristina Wolff (1999, p. 98) relata a participação da força de trabalho das mulheres nos seringais:

Na nova configuração social da região, as mulheres e crianças passaram a ter importância destacada, pois a diversificação das atividades necessárias à sobrevivência na floresta demandava o esforço de todos. Assim as relações de gênero, entre outras formas de relações sociais, sofreram grandes alterações em muitos de seus aspectos e adquiririam grande relevância para compreensão desta sociedade. A mudança das relações de gênero, de certa forma, garantiu sustentabilidade do grupo de seringueiros na região do Alto Juruá.

A pesca do camarão foi uma nova alternativa de trabalho para muitas famílias, hoje, é evidente o protagonismo da mulher na economia familiar. As mulheres no trabalho da pesca do camarão começaram a participar de todo o processo de trabalho, desde a captura até a comercialização.

A pesca do camarão é considerada uma atividade de mulher tanto em Parintins (AM) quanto no município de Alenquer (PA), em geral, o marido e os filhos ajudam as mulheres em algumas etapas do trabalho de pesca, porém, essa contribuição não é permanente, os homens contribuem quando querem, não existe uma obrigatoriedade. A pesca sempre foi vista como uma atividade exclusiva dos homens, porém, no baixo Amazonas, na região norte do Brasil o trabalho de pesca do camarão é um trabalho considerado “próprio de mulher”. Desde o trabalho da produção de juta as mulheres já eram submetidas a muitas tarefas, consideradas,

“tarefas de mulher”, como a lavagem da juta, onde passavam horas imersas no rio, expostas a animais peçonhentos e doenças. A diferença é que, hoje, elas conquistaram uma independência, principalmente na venda dos camarões.

Várias etapas regem o trabalho de pesca do camarão, dentre elas estão, a preparação para a pesca, onde ocorre a organização de todo o material necessário para captura do camarão: o preparo da isca, a verificação do apetrecho de pesca, a organização de materiais complementares e transporte para locomoção nos lagos e a captura dos mesmos. Nessa etapa a diferença entre a pesca ocorrida em Alenquer-PA e a pesca ocorrida em Parintins-AM, está no apetrecho utilizado para a captura do camarão. Em Parintins-AM, o apetrecho utilizado na captura é feito com um pedaço retangular de saco de estopa, comumente chamado de saca de sarrapilha, onde as quatro pontas do mesmo são amarradas em dois pedaços de madeira cruzados em forma de X. Ele é feito pelas próprias pescadoras de camarão e recebe o nome de camaroeira (figura 1).



Figura 2: Camaroeira, Parintins-AM
Fonte: DIÓGENES, 2014.

Em Alenquer-PA, a pesca do camarão, é realizada com o apetrecho de pesca confeccionado também pelas próprias pescadoras, seu formato circular tem sua base sustentada com arame. Os materiais utilizados são de dois tipos: a sarrapilha ou o saco de

batata que elas reaproveitam das feiras e supermercados e como em Parintin-AM, recebe o nome de camaroeira (figura 2).



Figura 3: Camaroteira, Alenquer-PA
Fonte: RODRIGUES, 2016.

Nos dois municípios os apetrechos utilizados não são seletivos, é comum vir juntos aos crustáceos diversas espécies de peixes pequenos como a sardinha e o mandi entre outros. As camaroeiras também representam um risco de acidente e morte para as próprias pescadoras porque em alguns momentos da pesca entram no apetrecho, cobras e arraias, que vão para dentro da canoa, o que exige das pescadoras, atenção e habilidade para se livrarem das mesmas, geralmente as colocam de volta ao rio.

Quanto a conservação dos crustáceos, em Alenquer-PA ocorre por meio do cozimento com sal, seguido por exposição ao sol por alguns dias. Em Parintins-AM, a conservação dos crustáceos, também ocorre por meio do cozimento com sal, com a diferença de não ocorrer a exposição ao sol por alguns dias como em Alenquer. Quando possível, em Parintins-AM, algumas poucas pescadoras conservam em freezer os camarões já cozidos com sal. Logo abaixo segue o quadro 1, de semelhanças e diferenças da pesca artesanal do camarão em Alenquer-PA e Parintins-AM:



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

QUADRO 1- DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS NA PESCA DO CAMARÃO NO BAIXO AMAZONAS

Nº	DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS NA PESCA DO CAMARÃO NO BAIXO AMAZONAS		
	ITENS COMPARATIVOS SOBRE A PESCA DO CAMARÃO	ALENQUER-PA	PARINTINS-AM
01	TRANSPORTE/EMBARCAÇÃO	BAJARA, CASCO, CANOA	BAJARA, CASCO, CANOA, RABETA
02	APETRECHO DE PESCA	CAMAROIERA (CIRCULAR)	CAMAROIERA (RE-TÂNGULAR)
03	ISCA PARA PESCA	FRUTOS, OSSOS DE BOI E ESPINHAS DE PEIXE	PEIXES GORDUROS, COZIDOS SOMENTE NA ÁGUA E MISTURADOS A FARINHA; OSSOS BOI
05	CONSERVAÇÃO	COZIMENTO COM SAL	COZIMENTO COM SAL
06	QUEM COMERCIALIZA E QUANTIDADE DE DIAS	SOMENTE AS MULHERES UM DIA NA SEMANA	SOMENTE AS MULHERES; TODOS OS DIAS DA SEMANA
07	QUANTIDADE DE DIAS DE PESCA	5 DIAS DA SEMANA	VARIÁVEL DE 2 A 7 DIAS NA SEMANA
08	QUANTIDADE DE PESSOAS NA PESCA	2 PESSOAS	2 PESSOAS OU MAIS
09	APETRECHOS UTILIZADOS NA PESCA	4 – CAMAROEIRA, REMO, FACÃO, LONA, SACA DE CEBO-LA, CUIA, LANTERNA.	CAMAROEIRA, LAMPARINA, COLHER DE PAU, REMO

V. Conclusiones (Principales resultados y discusión)

A luta das pescadoras em Parintins-AM e Alenquer -PA pela manutenção da pesca do camarão, é literalmente uma luta pela manutenção e reprodução de seu grupo familiar. Essas mulheres são levadas a negação de sua própria identidade de pescadoras. Vivem à margem dos seus direitos de trabalhadoras de pesca, não discutem coletivamente sobre o trabalho que realizam, nem sobre a necessária e imprescindível conservação ambiental para a permanência desse tipo de atividade.

A pesca artesanal não é sinônimo de conservação ambiental. Todo o processo de trabalho com pesca do camarão nos dois municípios, tem como finalidade principal, a comercialização da espécie, frente ao retorno financeiro do crustáceo e demanda garantida.

O patriarcado é bem presente nas três comunidades pesqueiras estudadas. As mulheres trabalham muito, desenvolvendo inúmeras atividades, tendo como consequências



danos físicos e psicológicos gerado pela sobrecarga de trabalho. Geralmente, sofrem caladas em meio a dinâmica do seu cotidiano e modo de vida. Enfim, como podemos observar, os direitos sociais ainda parecem uma realidade teórica, existente na legislação, mas distante da população ribeirinha amazônica.

VI. Bibliografía

CASTELLO, J.P. **Gestão sustentável dos recursos pesqueiros, isto é possível?** Pan-American Journal of Aquatic Sciences, 2(1): 47-52, 2007. Disponível em: [http://www.panamjas.org/pdf_artigos/PANAMJAS_2\(1\)_47-52.pdf](http://www.panamjas.org/pdf_artigos/PANAMJAS_2(1)_47-52.pdf). Acesso em: 15 fev 2012.

HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. **Apresentação**. In: WITKOSKI, Antônio Carlos, et al. (Org.) A cultura da juta e malva na Amazônia: sementes de uma nova racionalidade ambiental. São Paulo. Annablume, 2010.

PINTO, Ernesto Renan Melo de Freitas. **Cronologia da cultura da juta e|ou malva no Amazonas**. In: WITKOSKI, Antônio Carlos, et al. (Org.) A cultura da juta e malva na Amazônia: sementes de uma nova racionalidade ambiental. São Paulo. Annablume, 2010.

SAFFIOTI, Heleieth. **Rearticulando gênero e classe social**. In: BRUSCHINI, C.; COSTA, A. O. (Orgs.). Uma Questão de Gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, p.183-215.

SILVA, J. G. O Novo Rural Brasileiro. In: SHIKI, S. et. al. (Org.). **Ocupações rurais não agrícolas**. Uberlândia: UFU/EMBRAPA/UNICAMP, 1997.

SILVA, Sandra Helena da; ROCHA, Sandra Damasceno da. **Divisão sexual do trabalho na agricultura familiar na Amazônia: o 'não trabalho feminino**. Fonte: RELEM – Revista Eletrônica Mutações, julho – janeiro, 2010 - ©by Ufam/Icsez].

SACHS, I. **Estratégias de transição para o século XXI**. In: BURSZTYN, M. Para Pensar o Desenvolvimento Sustentável. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 29-56.

WOORTMANN, K.; WOORTMANN, E. **O trabalho na terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa**. Brasília: UnB, 1997.

WOLFF, Cristina Scheibe. **Mulheres da floresta: uma história Alto Juruá**, Acre (1890-1945). São Paulo: HUCITEC, 1999.